

J. S. MILL, A GUERRA CIVIL AMERICANA E A ESCRAVIDÃO

Laura Valladão de Mattos - FEA-USP

Resumo

A Guerra Civil americana, embora em curso do outro lado do Atlântico, criou importantes cisões dentro da Inglaterra. De início, a maior parte da opinião pública inglesa apoiou os Confederados – o que provocou enorme indignação em J. S. Mill. Ele localizou na escravidão a principal razão do conflito e entendeu que o desfecho da guerra definiria, para o bem ou para o mal, o destino desta (odiosa) instituição no país. Assim, nos primeiros anos da guerra, Mill tentou alterar a posição dos seus conterrâneos que, segundo ele, desonrava o nome da Inglaterra. Já nos anos finais do conflito – quando a opinião pública já havia abandonado a sua posição inicial e a vitória da União parecia ser apenas uma questão de tempo –, Mill volta a sua atenção para o que fazer após o seu fim e para as condições que seriam necessárias para garantir que a escravidão fosse abolida de fato, e não somente na letra da lei. Esse artigo visa a analisar a produção de Mill a longo da década de 1860 a respeito da Guerra Civil americana, do sistema escravista e da condição do negro nos EUA – que consiste basicamente de ensaios, artigos, pronunciamentos e um número extenso de cartas privadas. Esse material tem uma natureza fragmentada e heterogênea, todavia, quando visto no seu conjunto, joga luz sobre aspectos interessantes do pensamento de Mill. Revela não só a importância que o tema da escravidão tinha para o autor, mas também a visão complexa que ele tinha sobre esse fenômeno e sobre superá-lo – que envolvia aspectos filosóficos, econômicos, sociológicos, políticos e, sobretudo, morais.

Palavras-chave: J.S. Mill; Guerra Civil americana; Democracia ; escravidão

Abstract

The eclosion of the American Civil War created important divisions on the other side of the Atlantic. The majority of the English public opinion supported the Confederates – a fact that J.S.Mill received with indignation. Since its beginning, Mill believed that slavery was the main reason for the conflict and understood that the outcome of this war would determine, for good or evil, the destiny of this (odious) institution in America. Thus, in the first years of the war, he strenuously tried to alter the opinion of his fellow citizens, which he believed dishonored the name of England. In the last years of the conflict - after the English abandoned their initial position and when the victory of the Union was a matter of time - Mill's attention turned to what should be done after the conflict was over. His main concern was guaranteeing that slavery would be effectively extinguished, not only in the letter of the law. This paper intends to analyze Mill's writings during the decade of 1860 concerning the American Civil War, the slave system, and the condition of the Black in America. This material consists of essays, newspaper articles, and a significant number of private letters he exchanged with English and American correspondents on these subjects. Although this material is fragmentary and heterogeneous, it sheds light on some interesting aspects of Mill's thought. It reveals, for instance, not only the importance that the issue of slavery had for him but also the complex views he had of this phenomenon and how to eliminate it – that involved philosophical, economic, sociological, political, and above all, moral aspects.

Key words: J.S.Mill; American Civil War; Democracy; Slavery

ÁREA ANPEC: ÁREA 1

CÓDIGO JEL: B 12

I. Introdução

Na década de 1860, a Guerra Civil dividiu a sociedade americana e colocou a problemática da escravidão e da condição dos negros na América na ordem do dia. Como não poderia deixar de ser, as discussões acerca da guerra atravessaram o Atlântico e deram origem a ardorosos debates dentro da Inglaterra a respeito de qual lado da contenda deveria ser apoiado. De início, a simpatia da maior parte dos ingleses estava com os Confederados, o que levou Mill a se dedicar ardorosamente a convencer os seus compatriotas de que esse apoio equivalia a apoiar a escravidão. Com o decorrer da guerra, com a mudança da posição da opinião pública inglesa e a consolidação da posição da União, a atenção do autor se voltou à reflexão sobre as condições que seriam necessárias para que a sujeição dos negros efetivamente cessasse.

Esse artigo visa a analisar o material produzido por Mill ao longo da década de 1860 relativo à Guerra Civil americana e, em especial, no que concerne à escravidão dos negros e às condições vistas como necessárias para que os negros conseguissem de fato se emancipar. Esse material é constituído por artigos, ensaios, pronunciamentos e um grande número de cartas que trocou com conterrâneos e com americanos identificados com a causa da União e com a luta contra a escravidão na América.¹ Apesar de esse material ter uma natureza diferente daquela da produção mais teóricas do autor – foram escritos no calor dos acontecimentos e com a clara intenção de influenciá-los – acredito que joga luz sobre as suas concepções a respeito da escravidão, do funcionamento do sistema escravista, dos problemas que gerava e da melhor forma de superar essa odiosa situação de discriminação. Além disso, revela a complexidade do tratamento que Mill deu a essas questões, que envolvem dimensões filosóficas, sociológicas, políticas e, sobretudo, morais.

Com esses objetivos em mente, o restante do artigo é estruturado da seguinte forma: na seção II, será discutido o contexto mais geral no qual o posicionamento de Mill em relação à Guerra Civil está inserido. Na seção III, é analisado o esforço empreendido por Mill para convencer os seus conterrâneos de que apoiar os Confederados equivalia a apoiar a escravidão. Na seção IV, as reflexões de Mill sobre a integração dos negros à sociedade americana são discutidas. E, por fim, na seção V, algumas considerações finais são apresentadas.

II. Pano de fundo para as análises de Mill sobre a Guerra Civil

O material produzido por Mill na época da Guerra Civil é, de uma forma geral, engajado, muito proximamente relacionado aos acontecimentos em curso, e não possui elaboração teórica elevada. No entanto, algumas ideias filosóficas, políticas e sociológicas do autor ajudam a explicar sua rejeição à escravidão, o seu enorme interesse pelos EUA e a sua preocupação em influenciar a opinião pública. Sendo assim, vale analisar esse contexto mais geral das ideias de Mill antes de abordarmos o seu engajamento no período da Guerra Civil.

A Guerra Civil americana não foi a única vez que Mill se engajou em questões envolvendo a população negra. Uma década antes de a Guerra eclodir, Mill travou um debate público com Thomas Carlyle – um dos mais influentes pensadores britânicos da época – sobre o que ficou conhecido como a “Questão do Negro”.

Em 1849, Carlyle escreve um texto muito provocativo e polêmico intitulado “Occasional Discourse on the Negro Question”. Esse ensaio tratava da condição das

¹ Há relativamente poucos trabalhos que abordam o engajamento de Mill no episódio da Guerra Civil. Entre eles podemos citar Comton (2013), Park (1991), Collini (1984) e Varoxakis (2013).

Índias Ocidentais e do suposto caos que teria sido provocado após a libertação dos escravos. Carlyle critica os abolicionistas e os economistas políticos e adota um tom abertamente racista em relação aos negros.² Ele louva os anglo-saxões e defende explicitamente a ideia de inferioridade natural da raça negra e a necessidade de os negros serem guiados, se necessário à base do chicote, pelos seus superiores brancos (Carlyle, 1849, 535/6).

Mill considerava que o tipo de visão de natureza humana que caracterizava as diferenças entre as raças (ou gêneros) como sendo naturais/biológicas (e, portanto, imutáveis) tinha implicações práticas muito relevantes, e era um grande entrave ao progresso social (Mill, 1981 [1873], 270). Entre outras coisas, concepções como as de Carlyle eram utilizadas para legitimar instituições como a escravidão.³ E, justamente por temer o uso (perverso) que os escravocratas do Sul do Estados Unidos poderiam fazer das ideias desse influente pensador inglês, Mill se apressou em rebatê-las (Mill, 1984 [1850], 95).⁴

No início de 1850, ele publica o ensaio “The Negro Question” no qual rejeita abertamente a ideias de hierarquia natural entre as raças. Ele classifica como “não-científicas” as visões, predominantes na época, que incorreriam no “erro vulgar” de explicar as diferenças humanas em termos de predisposições naturais, ao invés de associá-las às circunstâncias externas e às instituições vigentes (Mill, 1984 [1850], 93).⁵

Mill, por sua vez, tinha uma visão que supunha uma igualdade básica entre os seres humanos e dava primazia para fatores sociais na determinação das suas diferenças.⁶ Ele não discordava que alguns povos se encontravam em um nível de desenvolvimento moral, intelectual e social menos elevado do que outros. No entanto, não atribuía esse atraso à raça e sim às circunstâncias às quais esses povos foram expostos. Isso abria espaço para a superação dos baixos níveis de desenvolvimento observados em alguns grupos (ex. negros, irlandeses, mulheres) por meio de alteração nas instituições e relações sociais – já que as potencialidades seriam similares para todos.⁷ Desta forma, apesar de

² Carlyle fornece uma explicação explicitamente racial tanto para o sucesso das colônias das Índias Ocidentais como para a crise que esta vivia após a emancipação dos escravos. Para ele, teriam sido os anglo-saxões que fizeram com que as terras, antes pântanos selvagens, produzissem valiosas especiarias. E seria pela recusa dos negros, agora livres, a trabalhar nas plantações a um salário viável que as colônias estavam beirando a ruína (Carlyle, 1849, 533-535). Ele retrata os negros como sendo naturalmente preguiçosos, indolentes, intelectualmente limitados, assemelhados a animais e em todos os sentido inferiores aos homens brancos. Utiliza, ainda, expressões (extremamente ofensivas) como ‘horse-jaws’, ‘muzzles’ e ‘two-legged cattle’ ao se referir a eles (Carlyle, 1849, 528, 534).

³ Vale esclarecer que, apesar de a visão hierárquica de raça e a forma pejorativa com que trata os negros das Índias Ocidentais, Carlyle está mais preocupado em criticar os *laissez-faire* e a Economia Política do que em defender a escravidão. O tipo de relação ideal seria, para ele, a servidão com responsabilidades mútuas (Carlyle, 1849, 535/6).

⁴ E Mill tinha razão em se preocupar, pois segundo Park (1991, 96), o ensaio de Carlyle foi, de fato, reimpresso e amplamente divulgado pela imprensa do Sul, que propagou e louvou a posição anti-abolicionista assumida por Carlyle.

⁵ Ele explicita ideia semelhante no seu *System of Logic* (Mill, 1974 [1843], 859, 873) e nos *Principles* (Mill, 1965 [1871], 319).

⁶ Como afirma Patterson: “Believing in a common human nature, liberal rationalists, such as John Stuart Mill, were ready to afford the Negro rights and dignity on a level with the rest of humanity” (Patterson Smith, 1994, 137).

⁷ Mill sugere que o desenvolvimento dos negros foi tolhido pela própria subordinação (pela força) aos brancos (Mill, 1984 [1850], 93). Para reforçar a ideia de que o negro não é naturalmente inferior e que poderia sim se desenvolver, Mill afirma que tudo indicava que a primeira grande civilização – a dos egípcios – era negra, e que os gregos (base da cultura europeia) deviam muito a eles (idem). E dá a entender que os negros não são menos desenvolvidos e capazes do que outros povos brancos como os mexicanos e espanhóis, sendo uma questão de desenvolvimento e não de raça. E ele se pergunta: “*In what*

Mill adotar claramente uma métrica eurocêntrica para medir desenvolvimento, a sua visão era bem distinta das defesas raciais (e racistas) da superioridade natural de uns povos em relação a outros (Patterson Smith, 1994, 136). E, ao descartar a noção de superioridade ‘natural’ do homem anglo-saxão, ele invalida a justificativa comumente utilizada para a escravidão negra. À luz de sua concepção de natureza humana, a sujeição de uma raça a outra parecia injusta, ilegítima e inaceitável. E esse me parece ser um elemento chave para explicar a profunda aversão moral de Mill à escravidão. Essa rejeição era tão intensa que ele recorrentemente representa a luta contra esta instituição como uma luta do ‘bem contra o mal’.⁸

Um outro elemento que explica o engajamento ardoroso de Mill nos debates sobre a Guerra Civil é de cunho político. Ele já acompanhava de perto a situação dos negros nos EUA muito antes de a guerra eclodir.⁹ O que acontecia na ‘América’ o interessava sobremaneira por estar em curso nesse país uma experiência de Democracia, cujo sucesso ou fracasso, no seu entender, teria enormes impactos sobre o destino da causa democrática na Inglaterra (Collini 1984, xxii).¹⁰ Os EUA seriam a única nação fundada nos ‘princípios abstratos’ de liberdade, igualdade política e igualdade perante a lei (Compton, 2013, 228) – princípios estes que Mill defendia com entusiasmo e gostaria de ver prevalecer em seu país. Entretanto, o tratamento dado aos negros em solo americano – especialmente a existência de escravidão – lhe parecia algo totalmente incompatível com os ideais democráticos que o país propalava (Mill, 1972 [1849-1873], 842, 993). Para Mill, a escravidão e o fato de mesmo em estados livres desta instituição os negros, mulatos e indivíduos com ascendência negra serem excluídos de direitos políticos e sofrerem outras discriminações maculavam a Democracia Americana. Poucos trabalhos além daqueles de empregados domésticos estavam abertos a eles, e a população branca de uma forma geral não os via ou os tratava como iguais (Mill, 1977 [1835], 55). Como as mulheres (de qualquer raça) também não tinham direitos políticos, Mill afirma que “[i]n the American democracy, the aristocracy of skin, and the aristocracy of sex, retain their privileges (Mill, 1977 [1835], 55).

No seu entender, essas limitações deveriam ser suprimidas de forma que a liberdade e igualdade de direitos políticos e civis fossem estendidos aos grupos até então excluídos. Por conta disso, se manteve bem informado sobre as várias alterações que vinham ocorrendo nos diferentes estados americanos que iam na direção de eliminar essas ‘anomalias’.¹¹

is black Haiti worse than white Mexico? If the truth were known, how much worse is it than white Spain?” (Mill, 1984 [1850], 93).

⁸ Em várias ocasiões Mill associa, de forma metafórica, a luta pela abolição a uma luta contra o Diabo (ele utiliza os termos *devil*, *Satan* e *demon*) em sua obra (Mill, 1984 [1850], 95; 1984 [1862a], 128, 139; 1972 [1849-1873 b], 835).

⁹ Mill era bem informado em relação aos EUA, ele assinava vários jornais e revistas norte-americanas, recebia de amigos e colegas uma quantidade enorme de livros, revistas, e panfletos e ainda se correspondia com vários americanos (Varouxakis, 2013, 739). Mesmo antes da guerra, ele publicou três importantes ensaios especificamente sobre o país - “De Tocqueville and Democracy in America (I)” (1835), “The State of Society in America” (1836) e “De Tocqueville and Democracy in America (II)” (1840) – além de escrever vários artigos de jornais sobre questões americanas e de, frequentemente, se referir nas suas obras aos costumes, motivações e características sociais e econômicas predominantes nesse país.

¹⁰ Já na década de 1830, Mill dedicou-se a compreender as características sociológicas, econômicas e políticas dessa sociedade com o propósito de analisar as virtudes e os defeitos da Democracia Americana. Ele pretendia com isso entender o que precisaria ser modificado para evitar os principais riscos que esse sistema oferecia ao progresso humano e, ao mesmo tempo, manter os seus benefícios (Mill, [1835], 1977; [1840], 1977).

¹¹ Em 1850, por exemplo, Mill louva a recém elaborada Constituição do Estado da Califórnia por proibir a escravidão ou servidão forçada no Estado – que a tornou o primeiro estado do Sul livre dessa ‘maldição’ e externa a esperança de que o Novo México e outros territórios seguissem o seu exemplo. No entanto,

Dado esse contexto filosófico e político mais geral, Mill encarou a Guerra Civil como uma grande oportunidade para superar essas graves inconsistências da Democracia Americana. Desde o início, ele identificou a escravidão como o ponto nerval do conflito e o principal motivo subjacente à demanda por separação por parte do Sul.¹² A sua avaliação era de que a vitória da União, se fosse completa, levaria ao fim da infâmia desta instituição em todo o país. Para ele, isso representaria “[...] *the removal not only of a stain but of a moral incubus* [...]” (Mill, 1972 [1849-1873], 993) da Democracia do país. Ademais, emanciparia a mente americana, que deixaria de ser “[...] *corrupted by the supposed necessity of apologising to foreigners for the most flagrant of all possible violations of the free principles of their Constitution*” (Mill, 1981 [1873], 267).

Assim, a sua objeção moral à escravidão e a sua preocupação com a Democracia americana se fundiram no evento da Guerra Civil (Varouxakis, 2013, 730; Park, 1991, 105).¹³ Na sua *Autobiografia*, Mill explica o seu fervoroso engajamento justamente por sentir que esse conflito “[...] *was destined to be a turning point, for good or evil, of the course of human affairs for an indefinite duration*” (Mill, 1981 [1873], 266).¹⁴ Ele entendida que o seu desfecho determinaria não só o futuro da escravidão no mundo – um resultado da maior importância – como também o futuro da própria Democracia (Mill, 1981 [1873], 266). Assim, a Guerra Civil “[...] *touched several nerves in Mill's moral physiology*” (Collini, 1984, xxii).¹⁵

O posicionamento adotado diante do conflito era, para Mill, um importante critério de retidão (ou desvio) moral.¹⁶ Assim, é de se imaginar a decepção que sentiu nos primeiros anos do conflito quando a maior parte dos ingleses se posicionou a favor dos Confederados. Para ele, ao apoiarem o Sul os seus conterrâneos desonravam o nome da Inglaterra e não faziam jus ao que se esperaria dos habitantes do país que, uma geração antes, havia liderado a luta pela abolição da escravatura (Mill, 1984 [1862a], 128/9).

No entanto, apesar de decepcionado com os seus compatriotas, ele não se resignou com a situação. Para além de um economista político, Mill era um “moralista público” que frequentemente demandou de seus contemporâneos que vivessem à altura de seus

lastima que os negros (e as mulheres) permaneciam excluídos do direito ao voto (Mill, 1986 [1850], 1148/9).

¹² Na sua *Autobiografia*, ele relembra: “[...] *I knew that it was in all its stages an aggressive enterprise of the slave owners to extend the territory of slavery; under the combined influences of pecuniary interest, domineering temper, and the fanaticism of a class for its class privileges* [...]” (Mill, 1981 [1873], 266).

¹³ Essa fusão aparece claramente em carta a um correspondente não identificado de 21/2/1861, na qual Mill escreve: “*The prospects of the human race are so deeply interested in the success of the great experiment which is working itself out in the United States, that the lovers of freedom and progress in other countries feel whatever injures, and still more whatever dishonours, America as a personal calamity. Foremost among all things which injure and dishonour a country stands the personal slavery of human beings. Rather than consent to the further extension of this scourge, the American people have voluntarily incurred all their present sacrifices; and because what was originally a war against slavery has grown into a war for its extinction, my hopes for the future welfare and greatness of the American Republic were never so high as in this, to superficial appearance, the darkest hour in its history*” (Mill, 1972 [1849-1873], 842).

¹⁴ Em carta de 1862 enviada a seu correspondente americano John Lothrop Motley, Mill afirma que se o Norte ganhasse “[...] *the whole futurity of mankind will assume a brighter aspect. If not, it will for some time to come be very much darkened*” (Mill, 1972 [1849-1873], 797).

¹⁵ Ela tinha no seu centro o caso mais flagrante de institucionalização de iniquidades (a escravidão), colocava em xeque a capacidade de governos populares compatibilizarem liberdade e estabilidade. Além disso, ao forçar um posicionamento em relação ao conflito, dava uma medida da ‘temperatura moral’ da própria sociedade inglesa (Collini, 1984, xxii) – que não pareceu nada boa ao Mill.

¹⁶ Em carta a William Whewell em maio de 1865, Mill afirma: “*No question of our time has been such a touchstone of men & has so tested their sterling qualities of mind & heart – as this one – & I shall all my life feel united by a sort of special tie with those, whether personally known to me or not, who have been faithful when so many were faithless*” (Mill, 1972 [1849-1873], 1056/7).

ideais morais e utilizou a sua reputação para promover as causas que ele considerava importante para o progresso da humanidade (Collini, 1984, 1993) – e poucas causas lhe pareciam mais relevantes do que a eliminação da escravidão.¹⁷

Assim, na primeira fase de seu engajamento com a Guerra Civil, Mill usou a sua ‘pena’ e sua voz para influenciar a opinião pública inglesa e levá-la a apoiar o lado moralmente ‘correto’ do combate.¹⁸

Depois de garantido o apoio da opinião pública à União, e quando a derrota dos Confederados começou a se configurar, Mill passou a se preocupar com a questão da reconstrução dos EUA, e com a questão dos moldes em que deveria ocorrer a reintegração dos estados revoltosos, de forma a realmente garantir que a escravidão fosse extinta não só na lei, mas também de fato.¹⁹

III. J. S. Mill e a opinião pública inglesa: o resgate da honra da Inglaterra

A preocupação de Mill com a resposta inicial dos ingleses ao conflito não se explicava unicamente por seu aspecto moral. Ele atribuía muita importância, neste e em outros contextos, à condição da opinião pública por acreditar que as convicções eram motivações ainda mais importantes do que os interesses materiais. Para ele, a “[...] *opinion in itself is one of the greatest active social forces. One person with a belief, is a social power equal to ninety nine who have only interests*” (Mill, 1977 [1861], 381). Para ele, as convicções morais dos ingleses teriam sido, inclusive, determinantes para a abolição da escravatura no Império Britânico na década de 1830 – que se deu às custas de seus interesses econômicos (Mill, 1977 [1861], 382). Ou seja, as ideias professadas pelo inglês médio tinham consequências sociais importantes.

Mill acreditava, ainda, que os cidadãos mais informados teriam um papel crucial em influenciar e moldar a opinião geral (Mill, 1977 [1861], 382). E, como julgava ter bastante conhecimento a respeito do que ocorria nos EUA, assumiu para si a responsabilidade de ‘educar’ os seus compatriotas sobre as verdadeiras causas da Guerra e sobre as suas prováveis consequências.

Essa tarefa de convencimento não seria fácil, já que nos primeiros anos da Guerra Civil a franca maioria dos ingleses se demonstrava simpática à causa Confederada (Lorimer, 1976; Collini, 1984; Nie, 2007).²⁰ Adicionalmente, nesse grupo se incluíam não apenas os conservadores, mas também importantes políticos liberais (como William Gladstone), políticos radicais e até mesmo abolicionistas (Hernon Jr., 1967, 359). Essa situação deixava claro o erro de interpretar a simpatia pelo Sul como sinal de endosso à escravidão.

¹⁷ Ele explicita em carta a Cairnes, de 1868, que sua motivação para escrever sempre foi defender e conseguir simpatizantes para a grande causa da liberdade, que tinha na escravidão a sua maior violação (Mill, 1991 [1868], 191).

¹⁸ Mill achava que o governo britânico, que ficou neutro ao longo de todo o período, se comportou como deveria. Nesse sentido, o comportamento do governo teria sido bem melhor do que o da opinião pública (Mill, 1972 [1849-1873], 797, 885).

¹⁹ Uma característica dessas reflexões é que foram apenas expostas em cartas que Mill trocou com correspondentes nos EUA e com amigos, como Cairnes, na Inglaterra – e, por conta disso, são menos conhecidas. Um dos poucos textos que explora esse aspecto da reconstrução na correspondência de Mill é o de Varounaxkis (2013).

²⁰ Hoje isso pode parecer surpreendente, no entanto, Hernon Jr (1967, 359) aponta que, como a avaliação posterior foi de que a abolição da escravidão teria sido o principal ganho com a Guerra Civil, os historiadores acabaram por enfatizar os autores que apoiaram a União, dando impressão de que estes eram em maior número do que em realidade foram. Segundo o comentador, para entender o estado da opinião na Inglaterra seria fundamental distinguir a posição dos ingleses durante a Guerra Civil daquela adotada após o seu fim (Hernon Jr, 1967, 367).

Mill sabia disso, o que não o impediu de ficar profundamente frustrado com o fato de os ingleses – em especial aqueles que se diziam liberais – se alinharem à parte do conflito que não só adotava a escravidão, como se orgulhava dessa instituição (Mill, 1981 [1873], 267).²¹ Assim, ele se empenhou em rebater as várias razões arroladas pelos apoiadores do Sul para justificarem esta posição e em mostrar que o apoio aos Confederados significava sim, intencionalmente ou não, apoio não só à escravidão, mas à sua expansão.

III.1. A análise de Mill sobre as razões do apoio inglês aos Confederados

Nos escritos públicos e na sua correspondência privada, Mill identificou várias causas para o apoio rápido e significativo que a opinião pública inglesa prestou aos Confederados. No entanto, ele não se preocupou em repudiar publicamente, pelo menos não nesse momento, aqueles que aceitavam a escravidão.

Ele não se posicionou, por exemplo, contra aqueles, como Thomas Carlyle, John Ruskin e Charles Kingsley, que aceitavam a ideia de hierarquia das raças e acreditavam que os negros precisavam ser guiados por seus ‘superiores’ brancos. Apesar de esses pensadores não acharem a escravidão ideal, eles defendiam que a condição do escravo negro era melhor do que a dos negros libertos (Bellows, 1985, 520-522). Tampouco respondeu a alguns jornais conservadores da Inglaterra que, usando argumentos similares, defenderam a servidão perpétua como sendo mais adequada à capacidade dos negros e ao clima do Sul dos EUA do que a liberdade (Lorimer, 1976, 411). O *Times* e o *Saturday Review*, por exemplo, chegaram a publicar artigos francamente favoráveis à escravidão (Bellows, 1985, 506).

Mill já havia se contraposto às ideias raciais de Carlyle na década de 1850 e, apesar de externar privadamente grande irritação com a posição assumida por esses dois influentes jornais londrinos – que passaram a publicar artigos usando “[...] *the very same arguments & almost in the same language which we used to hear from the W[est]. India slaveholders to prove slavery perfectly consistent with the Bible & with Xtianity*” (Mill, 1972 [1849-1873], 828) – ele não se posicionou publicamente contra essa visão.²²

A sua atitude pode ser explicada pela convicção que tinha de que, a despeito de não demonstrarem o entusiasmo da geração anterior no combate à escravidão, os ingleses de forma amplamente majoritária permaneciam no campo abolicionista.²³ Como o objetivo de Mill era converter a opinião pública e como ele não creditava o apressado apoio das classes altas e médias inglesas à causa Confederada a sentimentos anti-

²¹ Na *Autobiografia*, Mill descreve a decepção que sentiu com a reação dos ingleses (especialmente com a dos Liberais): “[...] *it may be imagined with what feelings I contemplated the rush of nearly the whole upper and middle classes of my own country, even those who passed for Liberals, into a furious pro-Southern partisanship: the working classes, and some of the literary and scientific men, being almost the sole exceptions to the general frenzy. I never before felt so keenly how little permanent improvement had reached the minds of our influential classes and of what small value were the liberal opinions they had got into the habit of professing. None of the Continental Liberals committed the same frightful mistake*” (Mill, 1981 [1873], 267).

²² Entretanto, preocupado com a reputação de seu país, faz questão de frisar que, no que se referia ao tema da escravidão, esses jornais não representavam a opinião dos ingleses (Mill, 1972 [1849-1873], 829).

²³ Uma explicação que ele dá para isso na *Autobiografia* é que sentimento tinha perdido vitalidade e vivacidade na mente inglesa – se tornando um dogma: “[...] *the generation which had extorted negro emancipation from our West India planters had passed away; another had succeeded which had not learnt by many years of discussion and exposure to feel strongly the enormities of slavery*” (Mill, 1981 [1873], 267).

aboliconistas, não parecia haver necessidade de desqualificar diretamente a defesa da escravidão.²⁴

Outro grupo que prestou apoio aos Confederados foi o dos conservadores Tories. O ódio e o temor à Democracia de parte da classe alta e média exerceu um grande peso na determinação de sua posição diante do conflito (Hernon Jr., 1967, 359; Bellows, 1985, 506-507). Esse grupo execrava a Democracia e temia – principalmente após a ampliação do sufrágio ocasionada pela *Reform Bill* de 1832 – que esse regime levasse a desordens. Muitos, inclusive, interpretavam a própria Guerra Civil americana como uma consequência direta da fragmentação causada por essa forma de governo (Bellows, 1985, 506, 526). Mill certamente identificou esse elemento político na reação ao conflito. Em carta a Motley, de outubro de 1862, escreve que os Tories mais radicais odiavam tanto a Democracia americana que criticariam qualquer coisa que esse país viesse a fazer. E avalia: “*As long as there is a Tory party in England it will rejoice at everything which injures or discredits American institutions*” (Mill, 1972 [1849-1873], 801). Talvez por considerar que não conseguiria convertê-los, Mill também não trata dessa questão publicamente.

Mill parecia estar mais preocupado em atacar as causas que levaram políticos liberais e radicais e parte da população que se encontrava no campo abolicionista e não se identificava com o conservadorismo Tory a simpatizar com o lado ‘errado’ do conflito. Ele via algumas razões conjunturais para essa posição, todavia entendia que o que explicava acima de tudo o apoio aos Confederados eram leituras errôneas sobre o que estaria na raiz da Guerra.

Um episódio, ocorrido no final de 1861, foi causa do acirramento do sentimento antiamericano que já explicava parte da simpatia por aqueles que lutavam para se separar dos EUA. Um navio de guerra da União interceptou o navio inglês *Trent* e prendeu dois representantes diplomáticos confederados que nele viajavam. Isso deflagrou uma crise que quase levou a uma guerra entre Inglaterra e os EUA e ajudou a fomentar a antipatia inglesa ao em relação ao Norte (Nie, 2007, 131).²⁵

Mill identificou esse sentimento e tentou, de alguma forma, relativizá-lo. Apesar de ficar do lado da Inglaterra no episódio *Trent*, ele ficou feliz por esta questão ter sido resolvida pela via diplomática e que a guerra não tenha sido declarada. Aliviado, ele declara: “*[t]he world has been saved from this calamity and England from this disgrace*” (Mill, 1984 [1862a], 128). Para ele, caso a Inglaterra tivesse entrado em guerra contra a União, provavelmente os Confederados venceriam a União e o mundo lembraria tão somente que “[...] *at the moment of conflict between the good and the evil spirit [...] England stepped in, and [...] made Satan victorious*” (Mill, 1984 [1862a], 128). Uma vez superado o episódio, Mill conclamou a opinião pública a repensar o seu posicionamento em relação à Guerra Civil americana e a apoiar a União (Mill, 1984 [1862a], 129/30).

²⁴ O que Mill identificava era uma simpatia da classe alta inglesa com a aristocracia do Sul dos EUA. No entanto, entendia que esta refletia não aprovação à escravidão em si, mas um viés de classe. A boa vontade da aristocracia inglesa com os donos de escravos americanos se basearia, no seu entender, em uma identificação natural que os ricos teriam com aqueles na mesma condição. Esse viés teria feito com que colocassem a escravidão em segundo plano, e não se detivessem na reflexão sobre o quão abominável era essa instituição (Mill, 1988 [1865], 32/3). Ele afirma a esse respeito: “*Our privileged classes [...] merely saw one thing – a privileged class opposed by those who they thought wanted to take the privilege away; and when they saw that, they said: ‘These (the Southerners) must be gentlemen, with whom gentlemen ought to sympathise’*” (Mill, 1988 [1865], 33).

²⁵ Nie (2007, 129) mostra que o preconceito popular contra os americanos extrapola esse episódio. De uma forma geral, os americanos eram vistos de forma estereotipada como sendo “[...] *a grasping, violent, rash, and hypocritical people*”.

Outro elemento, também conjuntural, que pesou no apoio de vários ingleses à causa Confederada era a percepção de que a União não seria capaz de conseguir a vitória militar e, mesmo que fosse, de que os EUA não seriam capazes de se reconstituírem enquanto uma nação (Nie, 2007, 131; Bellows, 1985, 512). Uma vez que acreditavam que o desfecho não seria positivo, muitos optaram por defender a Secessão como forma de evitar derramamento desnecessário de sangue. Para Mill, essa percepção equivocada teria levado vários Liberais a apoiarem os Confederados (Mill, 1984 [1862a], 138). Esse era um caso que ele acreditava que seria corrigido naturalmente pelo próprio rumo da guerra. Sucessivas vitórias do Norte tenderiam a alterar a posição desses “inimigos sinceros da escravidão” e os levaria a apoiar aquele lado mais compatível com os seus princípios (Mill, 1972 [1849-1873], 797, 801).

Uma interpretação que Mill considerava errônea, mas bastante influente, sobre as causas da guerra, foi aquela que retratava os habitantes do Sul dos EUA como um povo em busca de liberdade e que teria o direito a se separar da União (Collini, 1984, xxii-xxiii; Hernon Jr., 1967, 364; Bellows, 1985, 517/518). Esse argumento a favor da autodeterminação dos povos encontrou solo fértil no país, e explicou a adesão da opinião pública e de muitos liberais e radicais à causa Confederada. Na década anterior, os ingleses haviam dado apoio à insurreição de várias populações oprimidas (entre eles, os italianos, poloneses e húngaros) e parecia natural para os ingleses fazê-lo também com aqueles que queriam se tornar independentes da União. William Gladstone, por exemplo, abraçou essa ideia e, por conta disso, deu apoio aos Confederados nos primeiros anos da Guerra (Hernon Jr., 1967, 364).²⁶

Talvez por perceber o peso desse argumento entre aqueles políticos que, em geral, eram seus aliados, Mill dedicou-se a atacar essa ideia. No seu influente texto “Contest in America” (1862)²⁷, ele questiona, em tom polêmico, se aqueles que no momento defendiam com tanto ardor ‘direito sagrado’ dos Confederados à insurreição estariam dispostos a aplicar o mesmo princípio aos irlandeses e indianos – que viviam sob jugo da Inglaterra. Além disso, coloca a escravidão no centro da questão, e pergunta se na suposta ‘vontade geral’ do povo do Sul em se tornar independente a opinião dos escravos havia sido considerada ou computada (Mill, 1984 [1862a], 138) – já que estes nada teriam a ganhar com a Secessão. Por fim, invertendo a retórica dos Confederados, Mill defende que o direito à insurreição não se aplicaria aos estados do Sul, pois estes não lutavam pela própria liberdade e sim pelo poder de oprimir os outros (Mill, 1984 [1862a], 137).

Todavia, apesar de inúmeras razões terem sido utilizadas por diferentes grupos para justificar o seu apoio ao Sul, quase todos partilhavam a visão de que a Guerra Civil nada tinha a ver com a escravidão e de que a União apenas lutava contra a Secessão (Lorimer, 1976, 406; Hernon Jr., 1967, 361; e Bellows, 1985, 523). Muitos ingleses estavam familiarizados com os preconceitos existentes no Norte dos EUA e genuinamente duvidavam das intenções abolicionistas da União (Lorimer, 1976, 406; Hernon Jr., 1967, 359). Eles acreditavam que estes estados não rejeitavam a escravidão por princípio, simplesmente não tinham interesse em usar trabalho escravo (Bellows, 1985, 524), pois não se adequava bem aos tipos de atividades econômicas que desenvolviam. Havia até quem defendesse que a Secessão seria o caminho mais rápido

²⁶ Para Hernon Jr., as posições adotadas por Gladstone em diferentes momentos da guerra foram bem representativas daquela dos ingleses: “*The development of Gladstone’s opinion on the war reflects the evolution of British opinion from support for Jefferson Davis’ nation struggling to be free, during the peak period of Southern success on the battlefield, to sympathy with the Union and the sudden realization that slavery was after all the principal issue in the war, following the triumph of Northern arms and the assassination of Lincoln*” (Hernon Jr., 1967, 367).

²⁷ Varounakis (2013, 733) afirma que esse texto, além de ter muita influência sobre a opinião pública inglesa, influenciou grandemente a percepção mútua entre os EUA e Inglaterra.

para a abolição dos escravos, uma vez que, separados da União, os estados do Sul estariam mais sujeitos à pressão externa, inclusive por parte da Inglaterra (Heron Jr., 1967, 360; Bellows, 1985, 522).²⁸

Diante disso, a principal estratégia de Mill foi tentar convencer os ingleses de que o motivo da guerra era sim a escravidão e que uma vitória do Norte muito provavelmente levaria à sua extinção no território americano. A sua ideia era mobilizar o sentimento abolicionista que ele acreditava ainda existir em seu país e reavivá-lo, deixando claro para todos que era o destino da escravidão que estava em jogo (Mill, 1972 [1849-1873], 750). E utilizando o seu enorme prestígio como homem público e como economista político, dedicou-se a esclarecer a população sobre essa questão.

III.2. A escravidão como a principal causa da Guerra de Secessão: a dinâmica econômica do sistema escravista

Mill considerava que a principal razão para as simpatias ‘inapropriadas’ dos ingleses diante da Guerra Civil não era má índole de seus conterrâneos, mas a (profunda) ignorância que nutriam por tudo o que ocorria fora do país (Mill, 1972 [1849-1873], 738, 828, 1051). Para ele, os ingleses genuinamente acreditavam que a guerra não tinha relação com a escravidão.²⁹ E essa ignorância atingiria não só o grande público, mas também o alto escalão do governo (Mill, 1972 [1849-1873], 885). Para Mill, isso teria contribuído para aumentar a influência de jornais conservadores como o *The Times* e o *Saturday Review*, que, segundo Mill, distorciam os fatos, omitiam eventos favoráveis ao Norte, quando não mentiam descaradamente (Mill, 1972 [1849-1873], 893).³⁰

Assim, ele considerava ser de suma importância desfazer essa impressão geral. Já no início de 1862, no ensaio “Contest in America”, ele afirma enfaticamente essa posição:

They [the Confederates] tell the world, and they told their own citizens when they wanted their votes, that the object of the fight was slavery [...] The world knows what the question between the North and South has been for many years, and still is. Slavery alone was thought of, alone talked of. Slavery was battled for and against, on the floor of Congress and in the plains of Kansas: on the Slavery question exclusively was the party constituted which now rules the United States: on slavery Fremont was rejected, on slavery Lincoln was elected; the South separated on slavery, and proclaimed slavery as the one cause of separation (Mill, 1984 [1862a], 131/2).

Como parte da mesma estratégia, ele publica no mesmo ano uma extensa resenha, intitulada “The Slave Power”, sobre o livro *The Slave Power, Its Character, Career, and Probable Design, being an Attempt to explain the real Issues involved in the American Contest* de seu amigo John Elliot Cairnes. Essa resenha, descrita como “[...] a formidable exercise in persuasion” (Varouxakis, 2013, 738), tinha como objetivo não apenas dar

²⁸ Lorimer (1976, 406, 420), defende que a simpatia com os Confederados decorria da força dos sentimentos abolicionistas entre os ingleses e não de sentimentos a favor de escravidão.

²⁹ Em janeiro de 1863, quando Mill tenta explicar (e acima de tudo justificar) ao seu correspondente americano Motley a atitude dos ingleses, ele afirma “*Difficult as it may well be for you to comprehend it, the English public were so ignorant of all the antecedents of the quarrel that they really believed what they were told, that slavery was not the ground, scarcely even the pretext, of the war*” (Mill, 1972 [1849-1873], 828).

³⁰ A crítica de Mill à atitude e ao posicionamento desses dois jornais era recorrente (ver Mill, 1972 [1849-1873], 783, 795, 828, 836, 892).

publicidade ao livro, mas, sobretudo, emprestar às ideias lá contidas todo o peso da sua reputação e autoridade, e colocar a escravidão no centro da discussão sobre a Guerra.³¹

Mill utiliza a resenha para mostrar que a sobrevivência da escravidão no contexto americano exigia a sua expansão para além dos estados que já a adotavam. Subjacente a essa dinâmica estaria o fato, já explicitado em seus *Princípios*, de que o trabalho escravo tinha baixa produtividade (Mill, 1965 [1871], 247).³²

O trabalho escravo teria as características de ser fornecido contra a vontade, de não ter qualificação e de ser muito pouco versátil (Mill, 1984 [1862b], 147) – o que o tornaria adequado a um número muito limitado de atividades. Por ser retirado à força, exigiria que um grande número de escravos trabalhasse em um espaço relativamente reduzido – como eram os casos dos cultivos de algodão, tabaco, arroz e açúcar – de forma a diminuir o custo de supervisão. A falta de qualificação impediria o uso de métodos mais sofisticados e produtivos, e a falta de versatilidade levava o escravo a aprender a cultivar um único produto, o que impediria a rotação de cultivos. Com isso, haveria esgotamento rápido do solo, o que exigiria uma constante expansão para novas terras (Mill, [1862b] 1984, 147-149). Isso levaria a uma “[...] *unceasing struggle for the opening of fresh regions to slave-owners and their human property [...]*” (Mill, 1984 [1862b], 149), e a uma tendência dessa instituição se expandir incessantemente para o Oeste (idem).

Contra aqueles que defendiam a Secessão, Mill alertava que os Confederados não desejavam apenas a sua independência – queriam também anexar pelo menos metade dos Territórios para poder expandir a sua ‘instituição peculiar’ em direção à fronteira do México e, posteriormente, para outros países ao sul (Mill, 1984 [1862a], 139). Argumenta, ainda, que caso o Norte aceitasse essas condições e reconhecesse os contestantes como uma nova nação, um grande problema seria criado para a Inglaterra, que teria que decidir no futuro se deixaria a escravidão se expandir para o México, América Central, Cuba, Haiti, Porto Rico ou se declararia guerra contra essas pretensões (Mill, 1984 [1862a], 140).

Essa seria a dinâmica na raiz da Guerra de Secessão, uma vez que os estados do Sul queriam expandir o sistema escravista para territórios livres, enquanto o Norte resistia a isso. Em carta a Cairnes, de agosto de 1861, Mill expressa de forma clara a sua visão sobre a Guerra e sua indignação diante da ideia comum entre os ingleses de que o Norte deveria deixar os estados do Sul em paz. Ele afirma:

[...] slavery will not let freedom alone [...] American slavery depends upon a perpetual extension of its field; it must go on barbarizing the world more and more, and the Southern states will never consent to a peace without half the unoccupied country, and the power which it would give of unlimited conquest towards the south. Instead of calling on the North to subscribe to this, it would be a case for a crusade of all civilized humanity to prevent it (Mill, 1972 [1849-1873], 738).

³¹ Como é uma resenha, quase tudo que Mill escreve nesse texto se baseia nas ideias de Cairnes sobre a questão. Para não sobrecarregar o texto, não explicitarei a todo momento que a autoria das ideias é de Cairnes. De uma forma geral, Mill concorda com as ideias do amigo e as utiliza com o propósito de convencer os seus conterrâneos de que a razão da Secessão era sim a escravidão.

³² No entanto, é interessante notar que Mill qualifica o argumento às vezes utilizado de que para o empregador/senhor seria mais lucrativo empregar homens livres do que escravos pelo fato de os primeiros serem inequivocamente mais produtivos. Isso dependeria, no seu entender, do nível dos salários. Se os salários fossem equivalentes aos da Irlanda, a vantagem certamente estaria do lado do trabalho assalariado. Mas se fossem mais elevados, como nas Índias Ocidentais, devido à população escassa e a existência de alternativas de sobrevivência abundantes, a balança certamente tenderia para a mão de obra escrava (Mill, 1965 [1871], 249). Para uma sistematização da visão dos economistas políticos sobre a escravidão (incluindo a posição de Mill), ver Groenowegen (2001, 84-87).

No entanto, Mill tinha que encarar o problemático fato de o próprio presidente Lincoln não ter inicialmente apresentado a Guerra como uma batalha pela abolição dos escravos nos estados escravagistas e sim como uma guerra pela manutenção da União – o que parecia confirmar a interpretação da opinião pública.

A estratégia que ele adotou foi a de admitir que o intuito da União na Guerra não era, de início, eliminar a escravidão onde ela já existia. No entanto, tentou convencer o público inglês de isso se devia não às suas convicções, mas ao fato de a Constituição americana – que explicitamente permitia a existência de escravidão nos estados escravagistas – impedir esse curso de ação. Todavia, Mill argumenta que o partido Republicano (de Lincoln) havia sido formado para evitar que essa ‘instituição peculiar’ avançasse sobre territórios livres e que por isso estavam lutando (Mill, 1984 [1862a], 132). Mill resume a questão ao afirmar: “[...] *though they are not an Abolitionist party, they are a Free-soil party*” (Mill, 1984 [1862a], 132). Adicionalmente, ele argumenta que isso já seria suficiente. Caso a União fosse capaz de barrar essa expansão, deferiria um golpe que, eventualmente, se mostraria fatal à escravidão. Dada a sua dinâmica econômica, “[...] *the day when slavery can no longer expand itself, is the day of its doom*” (Mill, 1984 [1862a], 134).

Assim, mesmo não sendo o objetivo declarado do Norte, essa política acabaria por eliminar a escravidão. E, segundo Mill, esse fato teria sido percebido com clareza pelo Sul – tanto que no momento em que Lincoln foi eleito, os estados escravistas decidiram formar uma Confederação independente “[...] *professing as its fundamental principle not merely the perpetuation, but the indefinite extension of slavery*” (Mill, 1984 [1862a], 135).

Mill também justifica a relutância do Norte em se declarar abertamente contra a escravidão pelo medo que Lincoln tinha de perder o apoio dos ‘Border Slave States’ – que permaneceram sob a bandeira da União, mas que dificilmente aceitariam uma guerra que preconizasse o fim da escravidão (Mill, 1984 [1862a], 134).

Mill não era ingênuo e nutria sérias dúvidas sobre se o Norte trataria o fim da escravidão como um ponto inegociável para a reunificação no caso de a vitória ser obtida rapidamente (Mill, 1972 [1849-1873], 783). No entanto, como as posições tendiam naturalmente a se radicalizar ao longo dos conflitos, ele acreditava que, caso a guerra durasse tempo o suficiente, ela “[...] *would become distinctly an anti-slavery one*” (Mill, 1984 [1862a], 135).³³ Assim o seu maior temor era que a Guerra terminasse antes de esse momento chegar. Ele considerava que existiriam coisas – como o fim da escravidão – que eram mais importantes do que a paz, e afirma: “[...] *Heaven forbid that the war should cease sooner [...]*” (Mill, 1984 [1862a], 135).³⁴ E, de fato, a sua avaliação se mostrou correta e com o passar do tempo a emancipação dos escravos se tornou um objetivo declarado da União.

Aos poucos, a opinião pública inglesa foi alterando a sua posição diante do conflito. Em carta a John Lothrop Motley, de janeiro de 1863, Mill já externa certo otimismo em relação aos seus compatriotas, que passaram em número crescente a apoiar a União uma vez que a sua vitória passou a ser vista como mais provável e que a percepção

³³ Em carta a John Appleton, de 24/09/1863, Mill afirma: “[...] *it is a consolation to think that provided the success is complete at last, the longer the war continues the less possibility there is of a compromise preserving slavery [...]*” (Mill, 1972 [1849-1873], 886).

³⁴ Ele afirma sobre aqueles que demandam paz acima de tudo: “[...] *I cannot wish that this war should not have been engaged in by the North, or that being engaged in it should be terminated on any conditions but such as would retain the whole of the Territories as free soil [...]* War is an ugly thing, but not the ugliest of things, the decayed and degraded state of moral and patriotic feeling which thinks nothing worth a war, is worse” (Mill, 1984 [1862a], 141).

de que a abolição da escravatura seria seu resultado se disseminou (Mill, 1972 [1849-1873], 828). No entanto, essa mudança demorou mais para se consolidar. Nove meses depois, Mill volta a reclamar da atitude dos ingleses em carta a John Appleton. Ele afirma: “*The general direction of the sympathies of nearly all classes here except the working, & the better part of the literary class, is disgraceful enough to this country*” (Mill, 1972 [1849-1873], 885). E a literatura secundária sugere que Mill pode ter sido até otimista nessa avaliação ao excetuar a classe trabalhadora (Hernon Jr., 1967, 362; Lorimer, 1976, 405). De toda forma, o fato é que a opinião pública acabou por se convencer dos principais pontos defendidos por Mill: que o lado correto do conflito seria a União e que o que estava em jogo era a escravidão.

É difícil medir a influência de Mill em modificar a opinião pública inglesa, no entanto, dado o peso da sua reputação na época, ela deve ter sido significativa. Além disso, como ressalta Vorouxakis (2013), a sua intensa correspondência com os americanos foi importante para convencê-los de que nem todos na Inglaterra apoiavam os Confederados. Outra consequência dessa militância incansável a favor da União foi que seu prestígio aumentou muito do outro lado do Atlântico, de forma que Mill ganhou não só o respeito, mas também o ‘ouvido’ da América (Varouxakis, 2013, 750).

Assim, após considerar que a Inglaterra já se encontrava ‘salva’ da desonra de entrar para a história como simpatizante de escravocratas, as preocupações de Mill se voltaram para a discussão sobre como conduzir a reunificação do país e em que termos integrar os negros na sociedade americana após uma vitória da União – que na altura já parecia quase certa.

IV. Propostas de políticas para a reconstrução da América após a Guerra Civil que garantissem que a liberdade dos negros fosse mais do que nominal

O grande temor de Mill no início da Guerra era, como vimos, que o conflito chegasse ao fim, ainda que com a vitória do Norte, antes que se transformasse em uma guerra pela abolição dos escravos, e que a paz fosse obtida às custas da permissão da escravidão nos Territórios. Ao final da Guerra, o seu temor era que a União fosse indulgente demais com os estados rebeldes e que a reintegração fosse feita às custas dos interesses dos negros (Mill, 1972 [1849-1873b], 1118).³⁵ Ele deixa claro esse temor em carta ao seu correspondente americano Park Godwin, de maio de 1865, quando declara: “*Every one is vaguely inculcating gentleness, and only gentleness [...] I have always been afraid of one thing only, that you would be too gentle [...]*” (Mill, 1972 [1849-1873b], 1052). No entanto, acreditava ser possível fazer essa reintegração levando os interesses dos negros em conta, contanto que uma série de medidas fossem adotadas antes de a União aceitar os revoltos de volta.

Para impedir que a escravidão voltasse pelas mãos das legislaturas estaduais, Mill julgava ser crucial emendar a Constituição Federal de modo a vetar qualquer forma de escravidão no solo nacional – e Mill se mostra bem otimista de que se formaria maioria para fazer tal modificação. Em carta a Henry Fawcett, datada de dezembro de 1864, ele explicita a importância dessa emenda porque ela “[...] *remove all chance of the sacrifice of Abolition for reunion*” (Mill, 1972 [1849-1873], 974).³⁶

No entanto, é interessante notar que, para Mill, a interdição legal da escravidão não seria suficiente. Adicionalmente, deveria haver mudanças na Constituição que impedissem que a escravidão pudesse voltar de forma disfarçada (Mill, 1972 [1849-

³⁵ No entanto, em carta a Rowland Hazard, de 7/06/1865, Mill externa que esse risco parecia ter diminuído com a indignação ocasionada assassinato de Lincoln (Mill, 1972 [1849-1873], 1066).

³⁶ Ver a esse respeito também Mill ([1849-1873], 1972, 968/9).

1872], 1052). Só assim “[...] *the cause of freedom is safe & the opening words of the Declaration of Independence will cease to be a reproach to the nation founded by its authors*” (Mill, 1972 [1849-1872], 1052).

Ele considerava necessário quebrar de uma vez por todas a estrutura de poder da oligarquia sulista, nem que para isso fosse preciso – o que ele não acreditava ser – o confisco de bens (Mill, 1972 [1849-1873], 1066). Ele entendia que, para os brancos do Sul, “[...] *the maintenance of slavery has become a matter of social pride and political ambition as much as pecuniary interest*” (Mill, 1984 [1862b], 154).³⁷ E essa mentalidade da classe dos donos de escravos estaria tão enraizada que demandaria tempo para começar a se alterar. Para Mill, a presente geração, “[...] *like dethroned despots, will be always hankering after their lost power*” (Mill, 1972 [1849-1873], 1066).³⁸

Mill temia que, uma vez restaurada a normalidade sob uma legislatura estadual dominada por essa aristocracia, fossem implantadas leis que deixariam os negros com pouco controle sobre suas vidas, ações, honra e propriedades (Mill, 1972 [1849-1873], 1098/9). Neste caso, “[...] *the negroes will remain in a state of dependence on their old masters approaching to slavery [...]*” (Mill, 1972 [1849-1873], 1066).³⁹

Para quebrar o poder dos antigos donos de escravos, Mill propunha incentivar a imigração de habitantes do Norte para estados do Sul por meio de oferecimento de terras. Não que ele considerasse essa população isenta de preconceitos, mas avaliava que a Guerra tinha melhorado seus sentimentos em relação aos negros, principalmente devido à bravura com que estes lutaram na guerra.⁴⁰ Para ele, a guerra estava destruindo não só a escravidão, mas também eliminando a “[...] *antipathy and contempt of the white American towards the negroes*” (Mill, 1972 [1849-1873], 910). Adicionalmente, essa população do Norte não partilhava os valores da aristocracia escravocrata e introduziria outra mentalidade no sul do país.

Mill também era favorável a disponibilizar terras para os recém-libertos de forma a torná-los independentes.⁴¹ Ele reage com bastante entusiasmo à ideia de uma lei de propriedades rurais (*Homestead Law*) que permitisse aos ex-escravos ocuparem terras para cultivo (Mill, 1972 [1849-1873], 1165).

O entusiasmo de Mill por tornar os escravos libertos pequenos proprietários camponeses não é surpreendente. Em várias passagens dos *Princípios*, Mill defende o impacto positivo que a pequena propriedade camponesa exerceria sobre a motivação ao trabalho, a autonomia, a organização, a eficiência econômica, a responsabilidade, a

³⁷ O Sul teria passado a se orgulhar da escravidão: “[...] *loudly vaunting it as a moral, civilizing, and every way wholesome institution [...] as an ordinance of God, and a sacred deposit providentially entrusted to the keeping of the Southern Americans for preservation and extension*” (Mill, 1984 [1862b], 154). Ver também Mill, 1984 [1862a], 135.

³⁸ Mill concordava com a análise de Cairnes de que o poder ilimitado e o despotismo e arbitrariedade que reinavam na sociedade escravocrata sulista teria engendrado vários traços perversos na classe de donos de escravos (Mill, 1984 [1862b], 155/156), que não seriam corrigidos a não ser pela ausência do poder de exercê-las. Em carta a Rowland Hazard, de 7/06/1865, Mill afirma: “*It is only the next generation of them who can possibly become true citizens of a free nation*” (Mill, 1972 [1849-1873], 1066).

³⁹ Carta a Rowland Hazard, de 7/6/1865. Ver também, no mesmo sentido, carta a Park Godwin, de 15/5/1865 (Mill, 1972 [1849-1872], 1052).

⁴⁰ Em carta a John Appleton, de setembro de 1863, Mill afirma: “[...] *the proofs they [os negros] are giving of fighting powers will do more in a year than all other things in a century to make the whites respect them & consent to their being politically & socially equals*” (Mill, 1972 [1849-1873], 886).

⁴¹ Já em 24/09/1863, em carta a John Appleton (n. 647), Mill explicita o que desejava para o pós-guerra: “*I cannot look forward with satisfaction to any settlement but complete emancipation-land given to every negro family either separately or in organized communities under such rules as may be found temporarily necessary – the schoolmaster set to work in every village & the tide of free immigration turned on in those fertile regions from which slavery has hitherto excluded it*” (Mill, 1972 [1849-1873], 886).

prudência reprodutiva em povos que careciam dessas qualidades (Mill, [1870] 1965, 296/297, 327, 768).⁴² E ele com certeza considerava que os impactos ‘educativos’ dessa instituição poderiam servir de corretivos para alguns dos efeitos mais deletérios da escravidão sobre o caráter da população que viveu sob essa instituição. No entanto, não bastava fornecer terra, seria crucial que se concedesse aos negros também direitos políticos.

Na obra *Considerations on Representative Government* (1861), Mill afirma ser inadmissível dar direito a voto a indivíduos que não saibam ler, escrever e contar, e defende que “[...] *universal teaching must precede universal enfranchisement*” (Mill, 1977 [1861], 471). No entanto, ele adota outra posição quando discute o caso dos negros (em especial os recém-libertos) na América. Para ele, a exigência de um mínimo de educação iria, na prática, excluir os negros do sufrágio, especialmente no Sul, já que ensinar um escravo a ler e a escrever era severamente punível (Mill, 1984 [1862b], 153) e, portanto, poucos negros adquiriram essas habilidades. Dada a importância atribuída à real emancipação dessa população, Mill defendeu abrir mão dessa exigência com o argumento de que “[...] *the securing of equal political rights to the negro is paramount to all other considerations respecting the suffrage*” (Mill, 1972 [1849-1873b], 1106). Por acreditar, porém, que essa alternativa seria politicamente inviável, ele aceitava a exigência de habilidade de ler e escrever para se habilitar para o voto⁴³, contanto que a mesma condição fosse aplicada aos brancos – que também eram, em sua maioria, iletrados (Mill, 1972 [1849-1873], 1100/1; 1972 [1849-1873b], 1118).⁴⁴

Ainda sob o impacto da revolta de Morant Bay, ocorrida em outubro de 1865, Mill utiliza o exemplo da Jamaica para ilustrar o que poderia ocorrer quando os antigos senhores de escravos continuam a ter o domínio político.⁴⁵ Para ele, esse exemplo só reforçava a necessidade de conceder igualdade política, em sentido amplo, para os negros (Mill, 1972 [1849-1873b], 1117/8).⁴⁶

⁴² Vinte anos antes já defendia publicamente esta forma de ocupação da terra como saída para a complicada situação de tensão política, falta de eficiência e pobreza na Irlanda (Mattos, 2020).

⁴³ Varouxakis (2013, 746) resume a posição de Mill da seguinte forma: “*Mill was prepared to allow only na educational qualification as a potential concession to objections, but not a property qualification [...] Mill, however, preferred no qualification at all, given the overwhelming need to safeguard the defence of freed slaves’s rights against their former masters*”. Segundo esse comentador, essa opinião era compartilhada por Cairnes, que afirmou “[...] *the question of a literacy test had to wait until the blacks, having received education, would be enabled to claim the vote according to such a criterion on an impartial basis*” (Cairnes *apud* Varouxakis 2013, 747).

⁴⁴ Havia um contingente grande de brancos iletrados também – que Mill trata como ‘*mean whites*’. Eram brancos que não tinham recursos para ter escravos e se recusavam a trabalhar por associar o trabalho a algo a ser feito por escravos. Eles se dispersaram na vastidão da natureza, na percepção de Mill, e se tornam quase ‘bárbaros’ vivendo uma vida selvagem (1984 [1862b], 150). No entanto, Varouxakis (2013, 746) afirma que Mill recusava qualquer tipo de qualificação para o voto que envolvesse propriedade.

⁴⁵ Patterson Smith (1994, 134) esclarece que não foi o critério racial que impediu a participação política dos negros no caso da Jamaica e sim a exigência de propriedades: “[...] *before 1865, the old representative system in the British West Indies did not deny the freed slave the franchise of account of colour. These colonies had become ninety to ninety-five percent black. Yet, due to strict propriety requirements for voting, few people of colour actually qualified*”. E o autor conclui: “*Property not race, kept the electorate small [...]*” (idem). O que interessa no caso é que o poder continuou com os ex-donos de escravos e os negros não conseguiram obter nada que se aproximasse de uma situação de igualdade com os brancos.

⁴⁶ Em uma carta para Rowland G. Hazard, de 15/11/1865, Mill afirma: “*What has just taken place in Jamaica might be used as a very strong argument against leaving the freedmen to be legislated for by their former masters. The legislation appears to have been just such as might have been expected, and the consequence is what we see. It seems not at all unlikely that England will have to make a clean sweep of the institutions of Jamaica, and suspend the power of local legislation altogether, until the necessary*

Para Mill, liberdade só existiria quando a administração da justiça fosse equitativa com os negros.⁴⁷ E isso exigiria uma situação na qual “[...] *Negroes can serve on juries, and, through the electoral suffrage, have an equal voice in choosing or controlling the judges, or those who appoint them*” (Mill, 1972 [1849-1873b], 1117/8).

Mill acreditava que essas medidas – a migração de habitantes do Norte, a concessão de direitos políticos aos negros e distribuição de terras de forma a que se tornassem independentes – em conjunto alterariam o balanço do poder na sociedade sulista e tornariam a oligarquia minoritária entre os votantes (Mill, 1972 [1849-1873], 1100, 1052).

E essa modificação da composição da população votante nos estados que se rebelaram deveria ocorrer antes de sua readmissão à União, sob o risco da oligarquia sulista conseguir fazer alterações na Constituição dos EUA para favorecer os seus propósitos (Mill, 1972 [1849-1873], 1099-1101, 1165).⁴⁸

O argumento de Mill era que, ao resolverem romper com a Federação, os estados do Sul teriam perdido todos os direitos que tinham antes da guerra. Nesse contexto, a União não só poderia, como deveria impor condições para o retorno, de forma a garantir que a escravidão, mesmo que de modo velado, não maculasse mais a Democracia americana.

De toda forma, mesmo sabendo dos riscos que existiam e do longo caminho ainda a ser percorrido, Mill não esconde a satisfação que sentia diante da abolição da escravidão na América. Em carta de maio de 1865 dirigida a Edwin L Godkin, ele afirma:

It is a happiness to have lived to see such a termination of the greatest and most corrupting of all social iniquities - which, more than all other causes together, lowered the tone of the national and especially the political mind of the United States (Mill, 1972 [1849-1873]b, 1056).

A ‘igualdade’ e ‘liberdade’ tinham chance de deixarem de ser apenas palavras na Constituição. Com a abolição, a América havia resgatado não só os negros, mas a própria Democracia.

V. Considerações finais

O artigo procura analisar a produção de Mill sobre a Guerra Civil americana. Deve ter ficado evidente que esse material não é homogêneo e as preocupações do autor se modificam ao longo do conflito. Todavia, há um elemento que une toda a discussão empreendida no período: a questão da escravidão e a importância de eliminá-la. E a leitura dos ensaios e cartas escritos no período joga luz sobre as várias dimensões – moral, econômica, política e sociológica – que estão envolvidas nas análises de Mill sobre esses assuntos.

internal reforms have been effected by the authority of the mother country” (Mill, 1972 [1849-1873b], 1117).

⁴⁷ Em carta a William Martin Dickson, de 1/9/1865, Mill externa temor que viesse a ser apenas nominal se não houvesse grande modificação na administração da justiça. E para tanto, nem seria necessário mudar as leis, “[i]t would suffice to leave the old ones unrepealed, by which the testimony of a negro cannot be received against a white. Nay, even were these laws abrogated, nothing more would be needed than partiality and prejudice in the white courts of justice. And would it be consistent with ordinary human nature that such partiality and prejudice should not exist?” (Mill, 1972 [1849-1873b], 1098/1099).

⁴⁸ Mill também achava necessário modificar a forma de cálculos dos representantes na Federação, pois os estados escravistas tinham vantagens em termos de número de representantes. Apesar de os escravos não votarem, estes estados possuíam 1/3 a mais de representantes por conta da existência dessa população.

A dimensão moral é clara. Toda a discussão que Mill empreendeu nos primeiros anos da guerra revela a sua profunda rejeição à escravidão. A sua determinação em modificar a opinião de seus contemporâneos relacionava-se com a firme convicção de que o que estava em jogo era uma questão moral da maior relevância. Como vimos, a Guerra Civil tomou, para ele, contornos de uma luta da ‘luz contra as trevas’. O apoio inicial dos seus compatriotas aos Confederados, que mantinham e defendiam a escravidão, era encarado como uma desgraça e uma enorme desonra para a Inglaterra. Para Mill, só havia um lado do conflito a escolher, pois a rejeição à escravidão era um ponto sobre o qual não considerava aceitável transigir. Mesmo diante dos horrores da guerra, ele deixa claro que considerava a destruição e as mortes um preço pequeno a ser pago pelo fim dessa instituição – cuja eliminação iria emancipar não só os escravos, mas a própria mente dos americanos.

A dimensão política também era bastante relevante para explicar o intenso engajamento de Mill no episódio da guerra – como fica claro em várias ocasiões na sua correspondência. Os EUA eram a grande experiência democrática do mundo, e uma eventual derrota da União poderia deslegitimar esse regime, reforçando as ideias de que a Democracia levaria ao declínio e à fragmentação das nações. Mill travava uma batalha doméstica pela ampliação do voto popular (para a classe operária e mulheres), e considerava que uma vitória dos Confederados resultaria em aumento das forças conservadoras tanto na Inglaterra, como no restante da Europa. Em contrapartida, a vitória da União, se resultasse no fim da escravidão, eliminaria a grande contradição existente no coração da maior experiência democrática do mundo – fortalecendo, assim, essa forma de governo.

Nesse material, Mill também deixa explícita a sua visão sobre a dinâmica econômica subjacente ao sistema escravagista americano. Seguindo Cairnes, ele mostra que, devido às suas características, o cultivo com trabalho escravo implicaria em rápido esgotamento do solo e na necessidade constante de expansão sobre novas terras. Assim, na sua interpretação, a opção à época – e era isso que ele queria deixar claro para os ingleses – era entre eliminar esse sistema (nem que fosse por sua contenção nos estados onde já prevalecia) ou permitir que se expandisse de forma indefinida sobre novas áreas. E esse foi um argumento que teve um papel importante na sua estratégia de convencimento dos seus contemporâneos.

Há ainda uma interessante dimensão sociológica nas análises que Mill, faz especialmente quando discute as condições para a integração dos negros à sociedade americana. Ele deixa claro que sem uma mudança de mentalidade na sociedade e sem uma real quebra do poder dos donos de escravos por meio de uma alteração significativa da composição dos eleitores, a abolição dos escravos acabaria sendo meramente nominal e não significaria real emancipação dos negros libertos.

Assim, argumenta-se que a análise do material escrito por Mill durante esse grande evento que abalou a América realça vários aspectos, alguns pouco conhecidos, do seu pensamento. No entanto, o que mais chama atenção é a importância atribuída à Guerra Civil pela possibilidade de eliminar a escravidão na Democracia americana. Como ele confia ao seu querido ‘irmão de armas’ Cairnes: “*It will be worth a life, to have lived to see this done*” (Mill, 1972 [1849-1873], 966).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLYLE, Thomas. [1849] “Occasional Discourse on the Negro Question”. In *Fraser's Magazine for Town and Country*, Vol. XL. Acessado em 24/03/222 <https://cruel.org/econthought/texts/carlyle/carlodnq.html>

COLLINI, Stephan. "Introduction". In *Collected Works of John Stuart Mill* (doravante CW) XXI - *Essays on Equality, Law, and Education*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. vii-lvi, 1984.

COMTON, John W. "The Emancipation of the American Mind: J.S. Mill on the Civil War. In *Review of Politics* n. 70, pp. 221-224, 2013.

GROENEWEGEN, P. "Thomas Carlyle, 'The Dismal Science', and the Contemporary Political Economy of Slavery". In *History of Economics Review*, 34:1, 74-94, 2001.

HERNON Jr., Joseph M. "British Sympathies in the American Civil War: A reconsideration. In *Journal of Southern History*, vol. 33, n.3, pp. 256-267, 1967.

LORIMER, Douglas A. "The role of anti-slavery sentiment in English reactions to the American Civil War". In *The Historical Journal*, vol. 19, n. 2, pp. 405-420, 1976.

MILL, John Stuart [1835] "De Tocqueville and Democracy in America". In CW XVIII – *Essays on Politics and Society*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, 1977.

MILL, John Stuart [1849-1873] CW XV – *The Later Letters of John Stuart Mill 1849-1873*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, 1972.

MILL, John Stuart [1849-1873b] CW XVI – *The Later Letters of John Stuart Mill 1849-1873*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, 1972.

MILL, John Stuart. [1850] "The Negro Question". In CW XXI - *Essays on Equality, Law, and Education*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 85-95, 1984.

MILL, John Stuart [1850] "The Californian Constitutions". In CW XV – *Newspaper Writings: December 1847- July 1873*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 1147-1151, 1986.

MILL, John Stuart [1861] *Considerations on Representative Government*. In CW XIX - *Essays on Politics and Society*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 371-578, 1977.

MILL, John Stuart [1862a] "Contest in America". In CW XXI - *Essays on Equality, Law, and Education*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 125-142, 1984.

MILL, John Stuart [1862b] "The Slave Power". In CW XXI – *Essays on Equality, Law, and Education*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 143-163, 1984.

MILL, John Stuart [1865] "The Westminster Election of 1865" [4]. In CW XXVIII – *Public and Parliamentary Speeches*. University of Toronto Press, Routledge, Toronto and Buffalo, pp. 31-40, 1988.

MILL, John Stuart [1868] “Letter to John A. Elliot, n. 1210”. In *CW XXXII – Additional Letters of John Stuart Mill*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 429-435, 1991.

MILL, John Stuart [1873] *Autobiography*. In *CW I –Autobiography and Literary Essays*. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, Toronto and Buffalo, pp. 1-290, 1981.

NIE, Michael de. “The London Press and the American Civil War”. In *Anglo-American Media Interactions, 1850-2000*, ed. J.H. Wiener and Mark Hampton, Palgrave Macmillan, 2007.

PARK, Peter T. “John Stuart Mill, Thomas Carlyle, and the U.S. Civil War”. In *The Historian*, vol. 54, issue 1, pp. 93-106, 1991.

PATTERSON SMITH, James. “The liberals, race, and political reform in the British Indies”. In *Journal of Negro History*, vol. 79, n. 2, 1994.

VAROUXAKIS, Georgios. “‘Negrophilist’ Crusader’: John Stuart Mill on the American Civil War and Reconstruction”. In *History of European Ideas*, vol 39, n. 5, pp. 729-754, 2013.